

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## NOTAS SOBRE GUIMARÃES CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA.

CONCEIÇÃO, Fernando

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### Como citar este documento:

CONCEIÇÃO, Fernando, Notas sobre Guimarães Capital Europeia da Cultura. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 41-46.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# NOTAS SOBRE GUIMARÃES CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

Fernando Conceição<sup>1</sup>

**1. Em 13 de Dezembro de 2001**, Guimarães foi elevada pela UNESCO a Cidade Património da Humanidade. Consagrava-se, assim a singularidade do seu património histórico-cultural. Tal galardão responsabilizava os vimaranenses na defesa e valorização do seu património coletivo, seja antigo ou novo. Em outubro de 2006, durante a presidência portuguesa do Conselho da União Europeia, o governo português candidatou Guimarães a Capital Europeia da Cultura 2012; em Dezembro de 2007 foi apresentada a candidatura de Portugal ao Painel Europeu de Seleção das Capitais Europeias de Cultura.

Impunha-se alertar a opinião pública vimaranense para a importância desse projeto. Por isso, a 13 de Julho de 2007, na Assembleia Municipal de Guimarães, fiz uma intervenção sobre a Capital Europeia da Cultura, justificando a escolha de Guimarães pela valia dos seus bens culturais, pela existência e dinâmica das suas associações culturais, pela capacidade inovadora de múltiplas empresas e dos centros de investigação da Universidade do Minho.

Por outro lado, salientei que não há desenvolvimento sustentável nem competitividade, sem uma componente cultural, que permita ao homem compreender e agir num mundo em acelerada mudança. Aliás, promover a cultura é contribuir para dinamizar vários setores de atividade, criar empregos, gerar receitas, atrair turistas e investidores. E se a associarmos à reabilitação urbana criamos o quadro para uma vida de melhor qualidade.

---

<sup>1</sup> Presidente da Assembleia Geral da Muralha. Membro do Conselho Científico da Sociedade Martins Sarmento

E questionava: que fazer então?

Mobilizar os cidadãos e as suas instituições, tarefa em que se empenhou o grupo de missão criado para o efeito; elaborar o mapa cultural do Concelho, utilizando os inventários da Câmara, dos museus, dos párcos, das associações recreativas e concelhias; desenhar possíveis percursos culturais, de natureza global e temática, e dá-los a conhecer em diferentes tipos de suporte; criar dois centros interpretativos, um no Centro Histórico (nos antigos Paços do Concelho?) que permitisse ao residente e ao visitante conhecer a origem e evolução da cidade, os acontecimentos mais relevantes vividos pelos vimeanenses; outro no Castelo de Guimarães, na Torre de Menagem, do nordeste e sul, espaços multimédia, revelando a sua evolução ao longo dos tempos, a vida das guarnições, os cercos sofridos, as armas utilizadas, etc., sem esquecer o papel do Conde D. Henrique, o fundador do concelho de Guimarães (foral de 1096), ao conceder as “liberdades” aos que estão e aos que vierem habitar o povoado (frases inscritas na calçada da Praça de S. Tiago, quando das obras de restauro dirigidas pelo arquiteto Fernando Távora). E perguntava: para quando a homenagem devida ao Conde D. Henrique, sugerindo a colocação de uma estátua na Praça de S. Tiago,

Realizar um Congresso Internacional de História sobre as ligações culturais de Guimarães à Europa.

Mas o património cultural evolui como a própria vida. Importava, portanto, harmonizar a herança patrimonial com a inovação continuada, criar uma cidade atrativa, que tenha em conta o valor ambiental, as novas condições de trabalho e lazer, sem esquecer, antes valorizando, as manifestações culturais populares (bandas musicais, animadoras dos coretos da cidade e freguesias; festivais e romarias), a par da criação das novas formas de expressão musical, corporal e plástica. Mas para que a cultura nasça e floresça no Concelho seria indispensável manter uma rede de infraestruturas culturais e melhorar as ligações rodoviárias entre a cidade e as freguesias do Concelho, para que todos possam aceder aos produtos culturais e estabelecer um intercâmbio enriquecedor.

2. Em Julho de 2009 foi criada a Fundação Cidade de Guimarães com a finalidade de conceber, promover e executar o programa cultural

de “Guimarães 2012 Capital Europeia de Cultura”, e em 2012, foram definidos os critérios programáticos a ter em conta, de que destaco:

**2.1.** Envolver os vimaranenses na programação e gestão de eventos: “Tu fazes parte”. A cidade animou-se, as lojas puseram nas montras o “coração”, símbolo da cidade cultural; os residentes e visitantes animaram as ruas, assistiram entusiasmados a manifestações e espetáculos variados em espaços públicos (*La Fura dels Baus*), participando em alguns como figurantes; as famílias abriram as suas portas a diversas atividades artísticas, a que o público acorria; os jovens participavam voluntariamente em muitos dos eventos como figurantes e em ações de esclarecimento ou como guias turísticos.

**2.2.** Colher contributos das associações culturais concelhias: Sociedade Martins Sarmento, Associação Convívio, Círculo de Arte e Recreio, Museu de Alberto Sampaio, Muralha, Cine Clube de Guimarães, Academia de Música, Teatro/Oficina, Centro Cultural Vila Flor e, mais tarde, Centro Internacional das Artes José Guimarães, Instituto do Design, Laboratório das Artes, com projetos próprios, mas sem descurar as produções das associações culturais e recreativas existentes noutros locais do Concelho.

Citemos o caso da Muralha, “Associação de Guimarães para a Defesa do Património”, detentora de um riquíssimo espólio fotográfico sobre a cidade (ruas e praças, monumentos e paisagens), pessoas e grupos, momentos de trabalho e de lazer, atos de fé (romarias e procissões), em clichés de vidro, muitos deles deteriorados. Para evitar a sua perda, em 29 de Junho de 2010, foi pedida à Presidente da Fundação de Guimarães, a sua preservação, digitalizando-os, o que foi conseguido, após a visita do programador João Lopes ao Arquivo Alfredo Pimenta, onde eles se encontravam. Em consequência, Eduardo Brito procedeu ao tratamento dos clichés, à sua digitalização, à organização de uma exposição com esse material no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura, denominada *A Cidade da Muralha*, e à elaboração do respetivo livro-catálogo, editado pelo projeto *Reimaginar Guimarães* (Dezembro de 2011).

3. Entre os vários projetos apresentados e executados, alguns suscitaram muita controvérsia, por serem considerados atentatórios de espaços intimamente ligados à vivência dos vimaranenses, por exemplo, as alterações do Largo do Toural /Alameda de S. Dâmaso e a deslocalização do mercado.

Tenha-se presente que a cidade é um complexo de dois elementos estruturais, um de natureza material (ruas, largos, edifícios), outro de natureza humana e imaterial (pessoas, com seus costumes, e tradições), que interagindo ao longo do tempo, originaram um sentimento de pertença, de identificação, que se traduz na afirmação, “sou vimaranense”. E onde se forjou esse sentimento? Numa praça ou largo central, onde se discutiam os problemas citadinos e políticos, onde se viveram coletivamente determinados eventos, onde pessoas e famílias gozavam momentos de convívio e de lazer e as crianças brincavam e jogavam. Compreende-se, assim, que quaisquer mudanças nesse espaço nem sempre sejam bem aceites.

Com a requalificação então realizada, a função do Toural mudou sensivelmente. Foram feitas mudanças ambientais (remoção de árvores, de zonas ajardinadas, da fonte com espelho de água e escultura de mulher, comemorativa do milénio citadino - 1953), a par da transformação do pavimento e sua decoração, do mobiliário urbano, das ligações viárias que convergiam para o largo. É certo que foram colocadas marcas reais ou simbólicas do passado: a fonte primitiva, transferida do Largo do Carmo, uma pequena zona de lazer, com algumas árvores e bancos, e uma extensa grade, de gosto duvidoso, que vai perdendo o seu dourado. O Largo do Toural passou a ser então um mero local de passagem, de alguns curtos momentos de convívio ou lazer, de momentâneas concentrações populares, por ocasião de momentos desportivos, políticos e sociais. A falta de um espaço verde (pulmão das cidades) e de condições para momentos de cavaqueira passaram então para a Alameda, com o seu “bosque urbano”. As mudanças introduzidas espaço Toural/Alameda pretendiam resolver os problemas do trânsito automóvel, muito congestionado nesse miolo da cidade.

Dentro do mesmo espírito de renovação, os serviços camarários regularizaram o largo do Carmo, ou de Martins Sarmiento, e os acessos

à Colina Sagrada: uma alameda de ciprestes no enfiamento da estátua de D. Afonso Henriques e Torre Menagem, a partir da área ajardinada, melhorada no seu traçado, e nas pavimentações de ligação às ruas das Trinas e de Santa Maria; na zona direita (de quem sobe), foi criada uma zona verde no caminho, para a parte alta, com lugares de descanso e de merendas.

Uma outra alteração urbanística motivou alguma controvérsia: a mudança do mercado e a ocupação posterior desse espaço. Desde as origens, o “mercado”, lugar de comércio e de convívio, localizava-se numa parte central da vila e depois da cidade. É certo que causava problemas de trânsito e de estacionamento, ou incomodava os residentes com o barulho típico desse tipo de lugar. Contudo, a sua deslocação para longe, causou o desagrado das donas de casa, dos vendedores que a ele afluíam e dos comerciantes das antigas proximidades.

Para esse espaço foi a Plataforma das Artes e da Criatividade, que integra o Centro de Internacional das Artes José de Guimarães. Compreende-se o desejo das autoridades municipais e, suponho do próprio artista: deixar uma marca arquitetónica relevante na cidade e obter espaços para a exposição permanente das coleções de José Guimarães, de arte africana, chinesa e pré-colombiana e dele próprio, e com áreas dedicadas à criação e educação artística e a exposições temporárias. Por outro, conseguiu-se um amplo espaço ao ar livre, para usufruto da população e apresentação de um leque variado de espetáculos. Mas o aproveitamento das lojas do antigo mercado para a instalação de centros criativos não foi suficientemente conseguida: a maioria das lojas não foi ocupada.

4. Merecem também realce a valorização de zonas simbólicas da cidade e a reutilização de edifícios que marcaram a história social, económica e cultural da cidade e concelho. Em primeiro lugar, a zona de Couros, nos seus diversos espaços - a zona industrial, dedicada ao tratamento dos curtumes, a instalação do Centro de Ciência Viva, espaço lúdico e educativo, e o Instituto de Design; o “campus universitário”, que se tornaram importantes equipamentos culturais.

Na reutilização de edifícios que marcaram a história social, económica e cultural da cidade, recordemos a Casa da Memória, lugar

de encontro e de partilha de memórias, na antiga fábrica Pátria, na Avenida Conde Margaride; a extensão do Museu de Alberto Sampaio numa casa senhorial na Praça de Santiago; o Laboratório da Paisagem numa antiga fábrica na zona da Veiga de Creixomil.

É justo destacar outras vertentes culturais: na expressão corporal, o bailado; na área musical, a Orquestra Estúdio 2012, constituída por jovens de várias nacionalidades, os coros e orquestras vimaranenses juvenis; a valia do Cineclub de Guimarães, no domínio do cinema e audiovisual, e as diversas atuações, que continuaram, do grupo “Outra Voz”, que reúne homens e mulheres das freguesias concelhias, de várias idades e profissões. Infelizmente, continuam os atrasos na concretização da Casa da Música e do Teatro, no antigo Teatro Jordão.

5. A projeção nacional e internacional de Guimarães aumentou em 2012 com a CEC, evento que foi igualmente o arranque do desenvolvimento turístico, que fatores externos influenciaram nos nossos dias. Cresceu, paralelamente, a autoestima dos vimaranenses, corporizada na adesão coletiva à imagem do “coração amuralhado”, que se tornou, dentro e fora de Guimarães, a “marca” publicitária e institucional da cidade.